

o desenvolvimento da prática por meio de processos reflexivos de pesquisa-ação

por Ana Biglione e Patricia Busatto

*“Las cosas no se dicen, se hacen,
porque al hacerlas se dicen solas.”*

- Woody Allen

Em nosso atuar é muito comum que estejamos tão imersos nas situações – e em nós mesmos – que acabemos por não conseguir perceber com clareza o que estamos de fato fazendo e, ainda mais sutil do que isso, perceber como estamos fazendo o que fazemos.

Momentos onde podemos criar espaços de reflexão consistentes são essenciais para que possamos alcançar maior integridade na nossa prática (e vida). Existem diversas formas de fazermos isso e uma delas é o que estamos chamando de “processos reflexivos de pesquisa-ação”.

Em termos de origem, vale contar que não há certeza sobre quem “inventou” a pesquisa-ação. Muitas vezes, atribui-se a criação do processo a Kurt Lewin, que cunhou um trabalho usando esse termo em 1946. Ou ainda a David Kolb, que organizou isso como aprendizagem experiencial em 1984. Uma das razões que parece ser tão desafiador definir onde “nasceu” a pesquisa-ação é o fato dela ser um processo tão natural que “sempre existiu”, sempre aconteceu na humanidade, dada nossa própria natureza humana de aprender com o que fazemos. Além disso, a pesquisa-ação se desenvolveu de maneira diferente para diferentes aplicações e tomou formas bastante diversas.

Da maneira como entendemos aqui, relacionando isso com a prática social reflexiva[1], esses “processos reflexivos de pesquisa-ação” são espaços onde identificamos – a partir de nossas perguntas, inquietações, sensações – temas e questões que gostaríamos de compreender melhor e trabalhar para avançar. Não são temas que propomos como uma

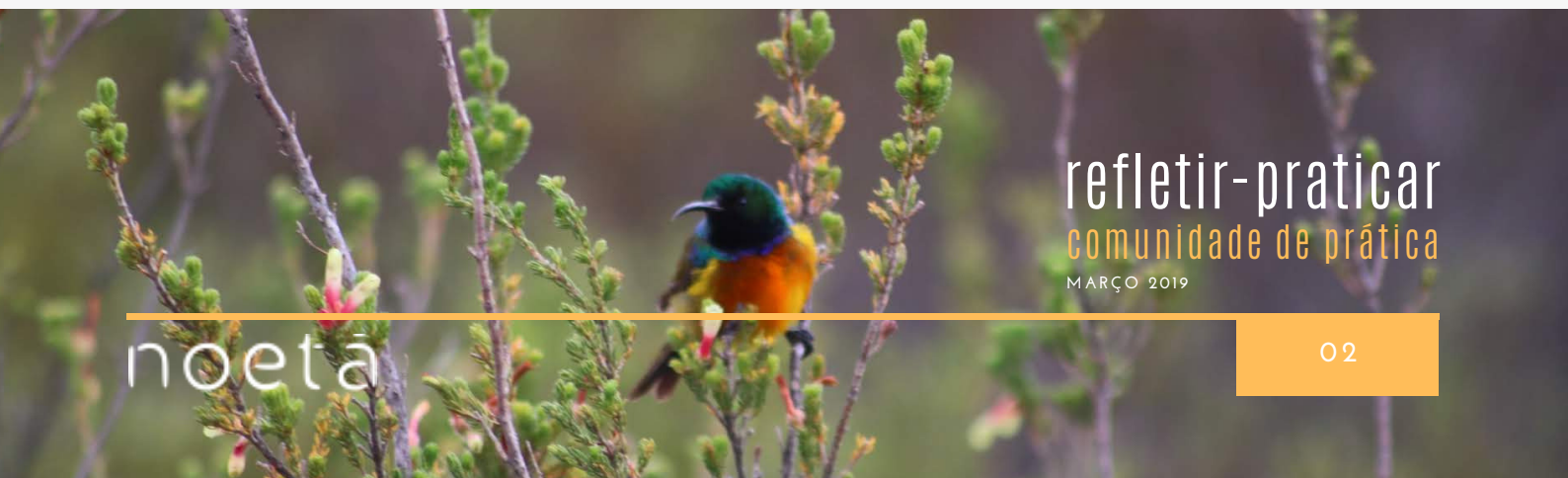


pesquisa que acontece de fora – recortada de seu contexto ou que endereçam questões hipotéticas ou abstratas, por exemplo, mas sim, de algo que emerge da nossa própria prática e que tem nos intrigado. O objeto de pesquisa desses processos são portanto situações reais e concretas, com as quais nos deparamos no nosso praticar cotidiano, partindo do princípio que o que já acontece no nosso dia a dia é a evidência mais acurada que podemos ter sobre a nossa prática.

Ao mesmo tempo em que esse processo de pesquisa-ação é algo que o indivíduo se propõe a fazer de forma sistemática e rigorosa, ele também é um espaço aberto, que gera aprendizados e movimentações que influenciam diretamente o próprio indivíduo e a situação que está sendo “pesquisada”. É preciso deixar claro que toda pesquisa apresenta imprevistos e deve considerá-los. Sue Davidoff, que vem estudando em profundidade essa metodologia no contexto da Prática Social Reflexiva, explica que “o olhar é para dentro e para fora: a pesquisa-ação é um modo de termos mais clareza da nossa intenção; de nos tornarmos mais focados e atentos ao processo de seu desdobramento em todas as suas ramificações”, e que “a pesquisa-ação tem a ver com pensar holisticamente, fazer conexões, identificar a narrativa emergente e orientar o processo através da leitura da situação.” Ainda que o processo seja muito simples, ele não é nem linear, nem estático – nós não somos assim, nem tampouco é assim a mudança.

Normalmente um processo de pesquisa-ação se organiza em quatro etapas: planejar, agir, observar e refletir. Mas de fato essas ações acontecem tanto sequencial quanto simultaneamente: “Ao mesmo tempo em que estamos agindo (intervindo em uma situação), estamos observando o que está acontecendo (novamente, estamos testemunhando a nós mesmos e à situação); também estamos - no momento - decidindo (ou planejando) o que fazer a seguir, a partir dos entendimentos que emergem de nossa observação. De fato, se olharmos dessa maneira, a pesquisa-ação é uma prática de planejamento, ação, observação e reflexão simultâneos: tudo acontece ao mesmo tempo, o tempo todo. E também é um processo sequencial de separar esses quatro momentos, tomando tempo para sair e pausar, refletir, entender; fazer anotações para apoiar nossa observação; pensando – para a próxima vez - que tipo de projeto ou intervenção pode funcionar melhor.”, diz Sue.

O primeiro movimento que propomos fazer é o de entender qual será o tema ou questão que cada um gostaria de investigar, e então, organizá-lo dentro de seu contexto. Preparar a pesquisa, portanto, em um primeiro documento inicial, um texto escrito de não mais de alguns parágrafos, que revela tanto o “objeto”, quanto o sentido da pesquisa. Na escrita desse documento, considere os seguintes aspectos:



Contexto: o contexto nos conta do indivíduo em si, da origem e do olhar atual que ele está tendo para a questão. Conta um pouco da situação tal como ela está acontecendo agora de uma forma que quem lê pode entender o que o indivíduo está vendo, sentindo e pensando. É tanto uma descrição factual quanto também traz a leitura atual.

Tema ou questão de pesquisa: a partir desse contexto é o momento de articular qual então a pergunta, tema ou questão que o indivíduo está querendo pesquisar, compreender melhor e/ou avançar. É claro que possivelmente essa própria pergunta irá se mover, pois o próprio processo de pesquisa-ação irá criar mais clareza sobre ela. Ou seja, não é necessário se “fechar” nessa articulação inicial, mas é importante fazê-la para a termos como ponto de partida e “estrela-guia” do processo.

“Metodologia” de pesquisa: mais do que algo teórico ou um passo a passo, o que estamos nomeando como metodologia aqui é como se pretende observar as situações escolhidas e registrar suas percepções. O indivíduo deve escolher se fará anotações após determinados encontros, ou a cada determinado prazo de tempo, ou se irá desenhar, ou se irá gravar áudios... a forma e a regularidade da sua observação, de forma a torna-la rigorosa e não deixa-la solta demais ou esquecida. É essa observação atenta e concreta que ajudará o movimento de compreender mais e mais do tema de pesquisa em questão.

Importante ressaltar que a ideia não é se apegar a esse fazer, esse método, como uma tarefa, mas sim como um direcionador e orientador do processo que ajuda o indivíduo a não se perder ao longo do caminho. Outro aspecto que se deve intencionalmente trabalhar é o desenvolvimento de um acompanhamento coletivo, pois em um processo como esse é muito importante que estejamos abertos a ver mais e a desafiar nossas ideias e crenças, podendo ser de valiosa ajuda contar com outras pessoas agregando aspectos que possivelmente não conseguiríamos trazer à consciência sozinhos e ampliando o nosso olhar. Neste sentido, pensar em um outro observador da situação que seja capaz de triangular, de refletir junto, traz de fato maior amplitude e ajuste na percepção do observador, também ajudando a apurar cada vez mais o olhar.

Num primeiro contato com esse processo ele pode soar difícil para alguns, ou superficial para outros. Vale lembrar que, como boa parte das atividades que fazemos na vida, é apenas a nossa genuína tentativa de desempenhar o exercício que vai ajudar a ganhar desenvoltura no praticar desta proposta, calibrando a profundidade adequada do trabalho ao processo único de aprendizagem de cada um.

Referências

[1] Prática social reflexiva é uma abordagem voltada à transformação social, inspirada no pensamento de Goethe, desenvolvida inicialmente por Allan Kaplan e Sue Davidoff.

Davidoff, S. (2018) *On Action Research*.

Tripp, D. (2005) *Action research: a methodological introduction*.

Instituto Fonte (2012) *Aprender sistematicamente com a prática*; Coleção Caminhos para o desenvolvimento de Organizações da Sociedade Civil.

